

Ética na perspectiva filosófica tradicional, psicológica genética e cristã: um estudo sobre a formação ética no sujeito

Ethics in the perspective of traditional philosophy, genetic psychology and Christian religion: a study on the subject's ethical formation

Roseline Nascimento de Ardiles

Mestra em Educação (Unicamp)

Coordenadora do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Jogos Psicocognitivos (UNASP-EC)

Professora de cursos de pós-graduação (UNASP-EC e UNIFRAN)

Mara Núbia de Moraes Cruz Salles

Teóloga, especialista em Docência Universitária

Professora de graduação

(UNASP-EC).

Resumo

As decisões e comportamentos destes, portanto, se fundamentam no conjunto de suas crenças, construídas de valores morais e não morais que o indivíduo considera ser certo ou errado, surgindo deste contexto, o conteúdo da formação ética e moral. Buscou-se compreender como se dá o processo de formação ética na filosofia tradicional, psicogenética de Piaget e Cristã. Foi realizada análise qualitativa na literatura secular de Emanuel Kant, Jean Piaget e na Bíblia Sagrada buscando as possíveis relações e divergências teóricas existentes entre esses paradigmas. Verificou-se que apesar das filosofias tradicional, psicogenética e cristã apresentarem o mesmo objetivo quando da necessidade da Disciplina Ética, pois todas elas se propõem a buscar o “bom” e o “bem”, as definições, conceitos, conteúdo e formação ética no sujeito se evidenciam distintas. Ao abordar a formação ética no sujeito, a filosofia tradicional de Emanuel Kant aponta para o imperativo categórico, independente da ação humana, se opondo ao pensamento psicogenético e cristão, pois estes pontuam a necessidade da ação do sujeito, enfatizando primeiramente o “querer”, para, em seguida “efetuar” ações ética e morais.

Palavras-chave

Ética. Filosofia Tradicional. Psicologia Genética. Cristã.

Abstract

Decisions and behaviors of humans are based on the set of beliefs, moral values constructed and not moral that the individual considers to be right or wrong, emerging in this context, content of ethics and moral education. In this study, we sought to understand how is the process of ethical formation in traditional philosophy, Christian and Piaget's psychogenetic. We performed a qualitative analysis of the secular literature of Immanuel Kant, Jean Piaget and the Bible, seeking possible relationships and differences between these theoretical paradigms. We found that, despite the traditional philosophies, Christian psychogenetic submit the same goal before the need of the discipline of Ethics, since they all intend to seek the “good”, the definitions, concepts, content in subject's ethical formation are

distinct. The text points out that, in addressing the ethical formation in the subject, the traditional philosophy of Immanuel Kant points to the categorical imperative, regardless of human action, opposing the psychogenetic and Christian thought, as they punctuate the need for the action of the subject, first emphasizing the “want” to then “make” ethical and moral actions.

Keywords

Ethics. Traditional Philosophy. Genetic Psychology. Christian religion.

Introdução

As decisões que tomamos no nosso cotidiano estão estritamente relacionadas com as nossas crenças e vivências que anteriormente experienciamos, pois conforme Thompson, citado por Ardiles,¹ as nossas predileções por determinadas ações para agir e/ou solucionar problemas estão diretamente vinculadas com as nossas crenças. Estas são constituídas por valores que nem sempre se revelam de maneira consciente ao sujeito, porém estão lá, influenciando decisivamente nossas opções, evidenciando aquilo que cremos ser a verdade.

A crença do sujeito em relação a algo é fundamental para o funcionamento da vida, pois evidencia relações de influência com os processos cognitivos do pensamento e da razão e, por isso, este constructo faz parte dos estudos da comunidade acadêmica.² Conforme Ponte, citado por Ardiles, o termo “crença”, para a maioria dos autores, é considerado como uma carga afetiva importante relacionada com preferências e inclinações.³ Outrossim, Krüger, citado por Ardiles destacou que as crenças de um indivíduo “estão relacionadas com suas ações, pois estas são manifestações de sua conduta intencional”.⁴ Neste sentido pode-se afirmar que a nossa história de vida social, individual, familiar, religiosa e etc. nos conduzem a decisões e comportamentos direcionados para determinada escolha em detrimento de outra. E estas escolhas, por conseguinte, fundamentam-se no conjunto de crenças - sistema de crenças,⁵ que são constituídas de valores morais e não morais que consideramos ser certo ou errado. É deste contexto de formação de valores, de escolhas, de pensamento e de ação que surge o estudo da “ética”. Tema complexo, haja vista ser um conceito que abarca outros constructos, tais como crença, valor, sentimentos e a própria moral, pois associada à definição do termo ética está o estudo deste constructo.

¹ ARDILES, R. N. de. *Um estudo sobre as concepções, crenças e atitudes dos professores em relação à matemática*. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação. Campinas, Unicamp, 2007.

² ARDILES, 2007.

³ ARDILES, 2007, p. 71.

⁴ ARDILES, 2007, p. 71.

⁵ Sistema de crença é uma combinação de crenças, atitudes e valores, organizados dentro da própria concepção de um indivíduo (ARDILES, 2007).

Em se tratando da formação de valores morais e éticos, a psicologia genética de Jean Piaget pontuou que para a construção desses valores no sujeito, haveria um movimento que seria desencadeado inicialmente pelo indivíduo, isto é, começaria dentro do sujeito e não o contrário, pois haveria como condição, a construção de tais valores por parte do mesmo e não a imposição de normas e regras advindas do exterior a serem seguidas. Tognetta e Vinha ressaltam que no estudo da “ética” não se exclui à necessidade de serem consideradas as normas, as regras, contudo, faz-se *mister* levar em conta os próprios sentimentos que se inclinam para o bem.⁶

Neste sentido, a formação de valores morais e éticos vai além da tomada de consciência do dever, pois se desvela enquanto um processo que o indivíduo se inserirá em função e em medida de sua motivação interna. Assim, de um conjunto de normas e regras externas a serem seguidas o significado do termo ética se adaptou e passou a significar o conjunto de princípios ideais da conduta humana e que todos os seres humanos precisam se adaptar a este padrão.⁷ Nesta perspectiva, a motivação interna do sujeito se desvela como uma condição *sine qua non* para que o mesmo possa agir e efetivar ações éticas. Esta motivação pode ser denominada de “sentimento”, este que se configura enquanto um dos componentes da afetividade.⁸

O domínio afetivo é concebido como um extenso nível de sentimento e humor (estado de ânimo) considerado geralmente como diferente da pura cognição.⁹ Assim, os sentimentos funcionariam como uma “carga energética” que impulsionaria o sujeito a agir de determinada forma em detrimento de outra.¹⁰ Ressalta-se que esses sentimentos tão necessários para a formação ética vão além dos sentimentos “estado”, transitórios e efêmeros, tais como, alegria, tristeza, raiva; mas se revelam enquanto sentimentos “traço” por se integrarem na personalidade do sujeito, causando indignação, vergonha e arrependimento por ações injustas realizadas e/ou presenciadas.¹¹

A partir de tais reflexões pergunta-se: como se dá a formação ética na filosofia tradicional e Cristã? Teriam também como critério a motivação interna ou algo que advém de fora do indivíduo? Como a religião cristã aborda o conceito “ética”? O discurso (pregação) viabilizado por meio da Bíblia torna-se, de fato, o veículo para a formação da ética e moral cristã? Há diferenças para a formação ética no sujeito do ponto de vista da psicologia genética de Piaget, filosofia tradicional e cristã? E quais seriam essas diferenças? Torna-se necessário, portanto, investigar o conceito de ética tanto no âmbito secular,

⁶ TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. Valores em crise: o que nos causa indignação? In: MENIN, M. S. S.; LA TAILLE, Y. *Crise de valores ou valores em crise?* Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 3.

⁷ ELWELL, W. A.; BEITZEL, B. J. *Baker encyclopedia of the Bible (2169-2170)*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1988.

⁸ Os componentes da afetividade são: crenças, atitudes e emoções - sentimentos (ARDILES, 2007).

⁹ ARDILES, 2007, p. 78.

¹⁰ PIAGET, J. *O julgamento moral na criança*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

¹¹ TOGNETTA; VINHA, 2009.

denodadamente da filosofia tradicional de Emanuel Kant e da psicologia genética de Jean Piaget, bem como, do pensamento religioso cristão subsidiado pela Bíblia, buscando as possíveis relações e divergências teóricas existentes entre esses paradigmas.

Ética na Filosofia Tradicional

Kant realizou com excelência estudos acerca da manifestação da razão as categorizando em razão teórica e razão prática. A primeira permite ao sujeito, concebido como epistêmico, elaborar o conhecimento do mundo da natureza. A segunda, por sua vez, refere-se ao conhecimento da sociedade, por haver, segundo Kant, diferença qualitativa entre a natureza e sociedade.

A razão teórica “pura” é qualificada por Kant, citado por Freitag, como independente de qualquer tipo de experiência e atuação do indivíduo, pois são consideradas como faculdades a priori. Estas faculdades correspondem ao que Kant denominou de “imperativo categórico” e que se constituem em instrumentos do julgamento moral da razão pura e prática. A razão teórica “pura” é qualificada pelo autor como independente de qualquer tipo de experiência e atuação do indivíduo, pois são consideradas como faculdades a priori. Este “imperativo categórico” existiria previamente a qualquer forma de experiência, tendo na razão prática, o complemento, pois esta revelaria as leis do mundo social regidas pela vontade humana.¹²

Conforme Freitag, o cidadão faria parte de dois mundos, a saber: a) do mundo da natureza revelada como reino da necessidade, contingência e determinação e, neste sentido, a vontade humana não interferiria, restando ao indivíduo à faculdade de apenas conhecer esse mundo, valendo-se tão somente dos julgamentos científicos; b) e o mundo da sociedade caracterizado como reino da liberdade, do possível, da indeterminação, definida pela vontade humana. Neste mundo seria evidenciada a faculdade de o sujeito agir por meio dos julgamentos morais. Seria, portanto, a partir desta indeterminação revelada pelo mundo social que a questão da moralidade surgiria, pois os indivíduos teriam o livre arbítrio de tomar suas próprias decisões, vontades e ações de comportamentos. “É por isso que nesse mundo a ação dos homens pode ser julgada segundo os critérios do bem e do mal, do certo e do errado, do justo e do injusto”.¹³

De acordo com Kant, mundo social evidenciaria duas importantes categorias de valores: o preço e a dignidade. O primeiro representaria um valor exterior de interesses particulares e, o segundo representaria um valor interior, de interesse geral. É deste contexto que Kant eleva o valor do ser humano (“está acima de tudo”). Assim, as normas, as regras e leis viabilizadas pela razão prática teriam que necessariamente priorizar e

¹² FREITAG, B. A questão da moralidade: da razão prática de Kant à ética discursiva de Habermas. *Tempo Social*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 7-44, jul./dez. 1989.

¹³ FREITAG, 1989, p. 03.

considerar a efetivação e utilização do valor supremo e universal da dignidade humana, cumprindo com a exigência do imperativo categórico de jamais transformar o outro homem em meio para alcançar fins particulares.¹⁴

Kant ressalta que no mundo da natureza, a razão teórica teria tanto a sensibilidade (formas da intuição: tempo e espaço) quanto ao entendimento, ambos caracterizados como categorias a priori, como dois instrumentos possíveis de serem utilizados pelo indivíduo para compreender esse mundo. O conceito de DEUS se circunscreveria no campo da moral, âmbito da razão prática. Nesta perspectiva, ao desvendar as condições da possibilidade de pensar o mundo social, Kant parte da existência de algumas idéias, tais como, “Deus”, “liberdade” e “vontade” como postulados sem os quais os exercícios da razão prática e a ação no mundo social seriam impensáveis. Em suma, para Kant, a condição da possibilidade moral no sujeito é que este seja livre, dotado de vontade e razão, ademais de estar disposto a agir segundo certos princípios (máximas). Partindo deste princípio, as faculdades se concretizariam na formulação e no respeito de uma lei geral e necessária que tem como valor último e supremo a defesa da dignidade humana.¹⁵

Ética na Psicologia Genética de Piaget

A psicologia genética de Jean Piaget tornou-se muito conhecida, contudo, indevidamente utilizada à medida que a transformaram em técnicas e procedimentos a serem realizadas em sala de aula.¹⁶ Neste sentido, o poder de atuação deste paradigma é limitado por desconsiderar o aspecto social desta teoria, o de ser construtivista. La Taille destacou que jamais podem ser utilizados métodos e técnicas para as questões éticas, pois estas se configuram enquanto relações sociais. A teoria de Piaget, para este autor, representa não um modelo de normas a serem seguidos, mas uma filosofia da Educação.¹⁷

A dimensão ética presente no pensamento do construtivismo é compreendida em dois níveis que seriam complementares, a saber: o nível temático e o teórico. O primeiro se refere à questão da moral e da ética. O segundo, por sua vez, contempla a própria teoria piagetiana por desenvolver aportes teóricos acerca deste tema. Assim sendo, na teoria abordada por Piaget, a ética está relacionada diretamente ao nível superior de desenvolvimento pessoal e social. Esta última desempenharia um papel importante para assimilação de conceitos de coerção e cooperação, fundamentais para o desenvolvimento de personalidades éticas.¹⁸

¹⁴ FREITAG, 1989.

¹⁵ FREITAG, 1989.

¹⁶ PIAGET, 1977.

¹⁷ LA TAILLE, Yves de. A dimensão ética na obra de Jean Piaget. *Série Ideias*, n. 20, São Paulo: FDE, 1994, p. 75-82. Disponível em: < http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_20_p075-082_c.pdf >. Acesso em: 18 de Fev. 2013.

¹⁸ LA TAILLE, 1994.

Embora “Piaget não se tenha debruçado sobre a questão da herança cultural, revelando os detalhes do processo de sua apropriação pelo indivíduo, seu papel está implicado no modelo teórico construtivista”.¹⁹ Assim, pode-se afirmar que a dimensão ética está presente na teoria de Piaget, pois além das constatações psicológicas ocorrida no processo da construção do conhecimento por parte do sujeito, Piaget também contempla o papel que a interação social exerce sobre o desenvolvimento cognitivo do mesmo.

Sabe-se que o meio influencia o processo de desenvolvimento individual em dois aspectos: herança cultural e o das oportunidades. No entanto, Piaget pontuou em profundidade outro fator de fundamental relevância para esse desenvolvimento - a relação interpessoal. Para ele, não “basta saber o que existe em determinada cultura, mas também de verificar o tipo de relação interpessoal por meio do qual o patrimônio cultural é transmitido”.²⁰

Por isto que o conceito de coerção e de cooperação seria objeto de estudo importante para a formação ou não da personalidade ética no sujeito. Pois, constructo coerção reforçaria no indivíduo o egocentrismo e, por conseguinte, impediria o desenvolvimento da racionalidade e da autonomia intelectual importantes para o pensamento crítico.²¹ A cooperação, por sua vez, levaria a autonomia intelectual ao sujeito, por se constituir numa fonte de regulação e por instaurar a regra autônoma, elemento fundamental para o pensamento lógico e princípio do sistema das noções dos signos. É neste sentido que La Taille pontuou:

ora, se as relações de coerção e de cooperação têm efeitos diversos sobre o desenvolvimento do indivíduo, se a cooperação é condição necessária à autonomia intelectual, verifica-se que PIAGET integrou a dimensão ética à sua teoria. De fato, ser coercitivo ou cooperativo consiste em duas maneiras diferentes de se comportar perante outrem, o que envolve uma opção moral e não apenas técnica.²²

Assim, o desenvolvimento da personalidade ética, portanto, não se dá pelo desenvolvimento maturacional ou pelo acúmulo de informações advindas do exterior do indivíduo e, sim, do interior, no que se refere à constituição do sujeito epistêmico e psicológico. Piaget desenvolveu uma teoria acerca da formação moral no sujeito, do qual este seria parte ativa desse processo desenvolvimental, tendo como gênese, o estágio infantil. Este autor, desta maneira, discordou das categorias a priori estabelecidas por Kant, pois estas desconsideram o aspecto da gênese. Para Piaget estas categorias não são dadas a priori como se fossem inatas, mas se constroem a partir do nascimento da criança, constituindo-se como instrumentos do pensamento no adulto após longa gênese. E, neste

¹⁹ LA TAILLE, 1994, p. 80.

²⁰ LA TAILLE, 1994.

²¹ LA TAILLE, 1994.

²² LA TAILLE, 1994, p. 81.

sentido, as mesmas não poderiam, de forma alguma, serem “puras” livres de qualquer experiência, pois dependeriam da experiência e vivência da criança no mundo e de sua relação com o objeto de conhecimento. Nesta perspectiva, os conceitos de moralidade seriam resultado de um processo sistemático que se daria por fases e/ou estágios do desenvolvimento (psicogênese).

A principal especificidade da moralidade na perspectiva psicogenética do teórico Jean Piaget e que fundamenta toda a sua Teoria é que a moral não é um fator inato, mas resulta de uma psicogênese estruturada em fases/estágios do desenvolvimento cognitivo. Em outras palavras, requer uma assimilação e adaptação de regras sociais na estrutura cognitiva da criança ao longo de seu processo de desenvolvimento, possível, a partir da maturação do sujeito, equilíbrio das estruturas mentais e do contexto e socialização do indivíduo. Neste sentido, as ações morais e éticas de um sujeito são devido ao processo de construção e reconstrução ativa desses valores desde a sua infância. Assim, a gênese da moral começaria por meio do estágio denominado de “amoral” caracterizado pela ausência total das regras; em seguida, o estágio da “moralidade heterônoma” por se constituir na regulação externa, no qual o sujeito modificaria seu comportamento moral em função dos distintos contextos, isto é, ordens das pessoas que detêm a autoridade ou da forma que se comportam as pessoas de meio social.²³ Por fim, o último estágio da “moralidade autônoma” característico do pensamento do adolescente e do adulto.

Ética Cristã

A Bíblia Sagrada se constitui como objeto de estudos para muitos teóricos, representantes das distintas áreas de conhecimento, tais como: antropólogos, sociólogos, historiadores, lingüísticos, psicólogos, pedagogos e teólogos. Estes encontram nela base epistemológica para os diversos âmbitos constituintes da vida do ser humano. Através da bíblia, podemos ver Deus revelando gradativamente padrões éticos para a melhoria da vida, tanto na saúde como na sociedade. E ao investigarmos o caráter filosófico da Bíblia encontraremos, por exemplo, na epístola aos Colossenses no capítulo 2, versos 8 a 19 uma referência à palavra filosofia, onde é feito um contraste entre a filosofia pagã e a cristã.

Destaca-se que para os estudiosos gregos os escritos realizados tanto pelo judaísmo como pelo cristianismo eram considerados filosofia. Pois estes escritos tratavam de estudos analíticos, reflexivos que evidenciavam profundidade de pensamento, argumentos concatenados e busca constante de sabedoria e esbanjamento de idéias lógicas e convincentes.²⁴

Se analisarmos em profundidade alguns livros da Bíblia Sagrada perceberemos a riqueza de aportes e conteúdos filosóficos éticos. A título de exemplo podemos citar o

²³ TOGNETTA, 2006.

²⁴ ELWELL & BEITZEL, 1988.

primeiro livro da Bíblia Sagrada - Gênesis, ao se referir à origem do pecado, bem como, o livro de Jó que ao retratar os seus queixumes, aborda o sofrimento do ser humano e existência do mal. O livro de Eclesiastes, por sua vez, também evidencia conteúdos filosóficos éticos ao tratar a cosmologia do ser e do mundo por meio de uma belíssima afirmação "considerarei todas as obras que fizeram as minhas mãos, como também o trabalho que eu, com fadiga, havia feito; e eis que tudo era vaidade e correr atrás do vento, e nenhum proveito havia debaixo do sol" (Eclesiastes, capítulo 2, versículo 11). No livro do Cântico dos Cânticos ao retratar o amor entre a alma e Deus e, por fim, nas epístolas do apóstolo Paulo ao conclamar os seguidores de Cristo a buscarem com toda intensidade a filosofia regida pelas orientações de Deus.

Especificamente no livro de Atos capítulo 17, verso 18, o apóstolo Paulo comenta sobre as filosofias que eram vigentes na época de Jesus. Denominadas de filosofias epicuristas e estoicistas, estas, apesar da diferença terminológica e conceitual, eram consideradas materialistas, por acreditar que todas as coisas eram feitas de matéria, inclusive o ser humano, o divino e o Logos que eram algumas vezes tratados como Deus.²⁵

A palavra ética quanto a moral provêm de raízes gregas e latinas e significam "costume". A palavra "costume" pode ser aplicada à ética moral, pois se relaciona com a sociedade, as regras estabelecidas pelo ser humano aos que acreditam ser certo e errado. No entanto, este movimento estabelecido pelos hábitos e costumes de um povo/sociedade que se enraízam e se consolidam na cultura, modificando-se em função das demandas emergidas de cada civilização, não podem ser aplicados da mesma forma à ética bíblica. Tal dado realidade se evidencia, pois a ética bíblica esta revelada e centralizada em Deus. E, neste sentido, pode-se afirmar que a maioria de todos os costumes e as opiniões do povo abordadas na Bíblia estão em oposição aos preceitos de Deus.

De acordo com a Bíblia, o conhecimento do que é certo e errado é aceitação da vontade de Deus. No capítulo 10 do livro de Romanos constataremos que o conhecimento moral é a revelação e ao adentrarmos com olhares analíticos nos conteúdos éticos abordados na Bíblia, constataremos uma diversa e constante gama de informações, pensamentos e relatos sobre este tema tanto no Antigo testamento como no Novo testamento.

No Antigo Testamento (AT) da escritura sagrada, a ética está vinculada tanto ao fator relacional, econômico, psicológico, antropológico, como ao valorativo, filosófico e teológico do ser humano. O fator relacional estaria vinculado com o social, o econômico ao abordar requisitos da propriedade privada, o psicológico às questões que denotam as particularidades e especificidades do indivíduo. O antropológico se configuraria no homem enquanto ser; o valorativo, por sua vez, enfatizaria a definição de mal, esta se constituindo em uma das principais bases de construção da ética no antigo testamento. O

²⁵ ELWELL & BEITZEL, 1988.

Filosófico, ao retratar a existência e razão da vida e, por fim, o teológico que encontraria seu fundamento em Deus.

Estes fatores supracitados estruturam os fundamentos para o bom andamento da vida do ser humano. Ao longo do desenvolvimento da história bíblica desvelam-se instruções específicas que foram especialmente elaboradas e dadas por Deus a Moisés no monte Sinai, para instruir o povo de Israel. Leis relacionais, à propriedade privada (Êxodo 22: 2), lei acerca do homicida, lei contra o falso testemunho e, até mesmo, leis que abordam a Bioética e a Macrobioética (Êxodo, 23). Tem-se, todavia, leis com relação à saúde física, pois Deus instruiu ao seu povo não comer gordura, sangue e elencou algumas características de animais que seriam próprios para o consumo humano. Verifica-se que a Lei de Deus expressa à perfeição do seu poder, bem como, o desejo amorável para com os seres humanos. Pois as leis de cerimoniais, civis, morais e de saúde do AT, revelam seu amor por vincular valores como a solidariedade, altruísmo, humildade e veracidade, tornando o relacionamento entre as pessoas e das pessoas para com Deus o mais saudável e prazeroso.

No Novo testamento a figura do filho de Deus- Jesus é o norte para todos os ensinamentos, tendo como parte significativa de sua obra aqui na terra, a conduta humana. Nesta perspectiva, podemos citar tanto as pregações filosófico-ética que Jesus efetiva no Monte das Bem-aventuranças (reconhecido com uma das melhores sínteses de ética), como a parábola do Bom Samaritano. Tais orientações éticas evidenciam uma qualidade ímpar à medida que eram constituídas de figuras de linguagem, tais como parábolas, e de uma riqueza contextual inigualável.

Com relação aos ensinamentos morais e éticos do NT, Correia (s/d) pontua que nosso olhar deve focar a diferença no que é realmente fé, e no que deve ser feito para construirmos uma vida moralmente correta. Para o autor, a ética do NT não se contrapõe a do AT, mas a primeira se fundamentaria na segunda, pois tanto Jesus como os Apóstolos desenvolvem e aprofundam princípios e temas que já estavam presentes nas Escrituras Hebraicas, dando também algumas ênfases novas. Em suma, ações éticas no NT são expressas na vida e ensinamentos de Jesus, no sermão da montanha, na vontade de Deus através de Jesus e na ética do Apóstolo Paulo, baseada na redenção em Cristo.

Resultados

A partir do estudo analítico realizado na literatura puderam ser coletados dados teóricos acerca das definições dos termos éticos, dos fatores conceituais, filosóficos e psicológicos sobre ética, tanto do pensamento filosófico tradicional, da psicologia genética, como do cristão. E, por meio desses paradigmas verificou-se a existência de relações de convergência e de divergência entre as teorias.

A partir dos dados coletados constatou-se que, em linhas gerais, a filosofia tradicional, psicogenética cristã apresenta o mesmo objetivo quando da necessidade da Disciplina Ética. Em consonância, Elwell e Beitzel afirmaram que em muitos aspectos, a filosofia cristã pode aproveitar muitos escritos filosóficos, principalmente no que se refere às virtudes não de acordo com um conceito vazio, tradição humana ou os espíritos elementares do universo.²⁶ Assim, observou-se que os três pensamentos evidenciam como demanda, a realização do bem comum no sentido de estabelecer uma conduta moral ou comportamentos morais que estejam em consonância com os princípios do que seja bom e correto para cada paradigma. No entanto, quando da análise das especificidades teóricas verificam-se alguns contrapontos com relação à definição, conceito, sentido e ação ética.

A filosofia tradicional iluminista de Emanuel Kant, por exemplo, trata a ética dentro do âmbito da razão teórica pura, independente de qualquer tipo de experiência do sujeito. Neste sentido, por ser considerada uma faculdade dada a priori - “imperativo categórico”, o julgamento moral já existiria, restando ao indivíduo o livre arbítrio de tomar suas próprias decisões no mundo social. Assim, a moral e a ética seriam tomadas como independentes da ação humana (categorias a priori) agindo segundo certos princípios (máximas). Nesta perspectiva, pode-se afirmar que a definição e conceito de ética para este pensamento estão vinculados à concepção de conhecimento inatista. Conforme Baker, citado por Ardiles, os pensadores que defendem o conhecimento como dados a priori, passível de ser obtido antes da experiência, são os racionalistas. Estes consideraram que “os conceitos a priori corresponderiam a idéias fixadas na mente”.²⁷

Em oposição ao paradigma supracitado, o pensamento psicogenético de Piaget, ressalta a gênese da categoria moral/ética, haja vista conceber o conhecimento como sendo construído por meio da efetiva participação do sujeito - concepção construtivista do conhecimento. Assim, por considerar todo o processo que se inicia a partir do nascimento da criança, a ética seria compreendida no âmbito da psicogênese no qual dependeria totalmente das experiências do sujeito com o objeto de conhecimento (ética).

Tem-se como fundamental para esse pensamento a análise do tipo e qualidade da relação interpessoal estabelecida e, por isso, os conceitos de coerção (reforça o egocentrismo) e de cooperação (reforça a autonomia) são considerados elementos importantes para a formação ou não da personalidade ética no sujeito. Desta maneira, a definição e conceito de ética para este paradigma seria resultado de um processo sistemático de construção de valores dos quais, ao longo do desenvolvimento humano, iriam passando para formas mais superiores do pensamento moral e ético. Assim, este estudo teórico verificou que o conceito de ética deste pensamento psicogenético evidencia a concepção teórica subsidiada no paradigma construtivista.

²⁶ ELWELL & BEITZEL, 1988.

²⁷ ARDILES, 2007, p. 32.

Em consonância, e neste sentido se constitui num dado revelador, a ética cristã também se estabelece em bases epistemológicas construtivistas, requerendo do cristão a ação com o objeto ético e moral. Tendo como fonte ética, o próprio Deus, ao contrário do que distintas correntes éticas argumentam – a moral e a ética cristã são impostas ao sujeito – o conteúdo Bíblico propõe o desenvolvimento ativo do sujeito. Em virtude disto, e pelo constatado nos escritos bíblicos, possibilitou-nos realizar análises críticas relacionais entre a ética abordada na psicogenética e a ética cristã.

Verificou-se que o maior pecado do ser humano destacado na Bíblia é o amor próprio, o egocentrismo. A esse respeito vemos no livro de Lucas capítulo 17, versículo 33 a importância dada por Jesus ao desenvolvimento de relações interpessoais, “quem quiser preservar a sua vida perdê-la-á; e quem a perder de fato a salvará”. Nesta citação, percebe-se um valor concomitante ao conceito de autonomia ética-moral abordado por Piaget no seu pensamento psicogenético, pois nesta citação bíblica, destaca-se o aspecto da descentração, elemento fundamental para a constituição de personalidades éticas. Neste mesmo sentido verificamos o mesmo pensamento no livro de Mateus capítulo 7, versículo 12 no qual diz o seguinte: “tudo quanto, pois, quereis que os homens vos façam, assim fazei vós também a eles; porque esta é a lei dos profetas”.

Assim, os dados coletados a partir dos textos bíblicos sugerem que, embora a religião cristã tenha um único Deus, considerado como Onipotente, Onisciente e Onipresente, constituindo-se no maior juiz das questões éticas, propulsor de sistemas de valores, estruturando e apresentando normas gerais e absolutas, tais como os Dez Mandamentos, não é visto como um Deus tirano. Do contrário, é tomado como um Deus amável, pessoal, misericordioso e de caráter positivo, não havendo por parte desta autoridade Divina imposições éticas no sujeito. E, neste sentido, os Dez Mandamentos se constituem como a síntese do bom viver (lei judicial, cível e santificadora) por demonstrar tanto os valores que devem ser seguidos tanto no relacionamento da criatura para com o seu criador, como entre as criaturas.

Enquanto que nas escolas éticas humanistas e nas suas distintas abordagens a fonte ética estaria na subjetividade do ser humano e, na filosofia iluminista de Kant, seria dada a priori, para os cristãos, a Bíblia é fonte de inspiração ética e considera a Deus como a maior autoridade neste assunto, pois Ele próprio é revelado como tendo natureza santa, justa, verdadeira e misericordiosa. A saber:(...) santo é o Senhor nosso Deus (Sl 99, 9); porque o Senhor é justo, Ele ama a justiça; os retos lhe contemplarão a face (Sl 11, 7); as tuas palavras são em tudo verdade desde o princípio, e cada um dos teus juízos dura para sempre (Sl 119, 160); o Senhor é misericordioso e compassivo; longânimo e assaz benigno (Sl 103, 8);

Embora Deus revele este poder inigualável, a própria Bíblia sagrada destaca a necessidade de se ter uma vivência com os ensinamentos de Jesus para lograr uma

personalidade ética. Há que se ter experiência cristã através da palavra de Deus, haja vista o próprio Deus solicitar e instigar das pessoas (seus filhos) a ação. É neste sentido que Deus se desvela de forma qualitativamente diferente dos outros deuses apontados pela história bíblica.²⁸

A Bíblia afirma que Deus criou o ser humano à sua semelhança e, deste modo, este, mesmo de forma limitada, partilharia do caráter ético-moral deste Deus. Contudo, essa limitada natureza Divina no homem, não retira do mesmo seu livre arbítrio de mover-se para ações éticas e morais. Ressaltando-se, novamente, a importância primordial do “querer” antes do “efetuar”, pois este “querer” estaria relacionado à inclinação, preferência de ações e motivação interna do sujeito.

A revelação dada por Deus mediante os escritos sagrados ou até mesmo por meio da pregação, não implica que os padrões do comportamento moral e ético- cristão serão colocados na nossa estrutura cognitiva de forma “osmótica” realizando o movimento de fora para dentro. Ter a palavra de Deus como fonte de inspiração, seja por meio da Bíblia ou pregação, implica em termos como norte os preceitos vivificadores estruturado por Deus para um bom viver individual, social e espiritual, para qualquer ser humano e em qualquer sociedade e cultura.

É neste sentido, que tais normas éticas se caracterizariam enquanto universais, pois Deus por meio de suas palavras contemplou em excelência todas as reais necessidades do sujeito, este enquanto ser individual, social, familiar, psicológico, afetivo e religioso.

Ter o contato com a palavra de Deus não significa necessariamente que teremos uma formação ética, como já enfatizado, faz-se mister a construção de tais valores éticos no cristão. A esse respeito podemos citar a parábola do semeador contida no livro de Mateus capítulo 13, versículos 3-9 que expressam:

eis que o semeador saiu a semear. E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vindo as aves, a comeram. Outra parte caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra. Saindo, porém, o sol, a queimou; e, porque não tinha raiz, secou-se. Outra caiu entre os espinhos, e os espinhos cresceram e a sufocaram. Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto: a cem, a sessenta e a trinta por um.

Constata-se, nessa parábola, uma alegoria com relação à reação e postura dos que têm contato com a palavra de Deus. Assim, revela quatro posturas de interesses qualitativamente distintos dos sujeitos, isto é: não aceitação, fraca aceitação, pouca aceitação e muita aceitação. Cada uma destas revela níveis distintos de interesses, além de destacar a natureza do verdadeiro interesse dos que aceitam a palavra de Deus - o mover-se para ação. É nesta perspectiva que se insere o componente da afetividade, que,

²⁸ KEELING, M. *Fundamentos da ética cristã*. São Paulo: ASTE, 2002.

considerada como uma “energética” que nos moveria para ação, nos impulsionaria para ouvir, do ouvir aceitar, do aceitar agir conforme descrito na palavra de Deus.

A fonte ética está em Deus, em sua palavra. No entanto, a construção de uma personalidade ética não está na imposição desta divindade, advinda do exterior, às pessoas e, sim, na ação dos sujeitos para com a Sua palavra. É neste sentido que o próprio Jesus, na sua vívida experiência cristã aqui na terra, mostrou que a única e verdadeira forma de transformação do caráter e de vida é a busca incessante do sujeito à fonte de vida, tal como disse no livro de João capítulo 4 versículo 14: “mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água que jorre para a vida eterna”.

Outro fator relevante é o destacado no sermão da montanha descrito no livro de Mateus, capítulo 7 versículo 16 e 17, do qual se diz:

pelos frutos os conhecereis. Colhem-se, proventura, uvas dos espinheiros ou figos dos abrolhos? Assim, toda árvore boa produz bons frutos, porém a árvore má produz frutos maus [...] Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! Entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus.

Destas passagens verifica-se com fidedignidade o fator experiência, vivência e ação para se obter resultados reais para a formação ética no sujeito. Ressalta-se uma coerência e não dissonância cognitiva no corpo desta citação, pois se Deus impusesse valores morais e éticos no sujeito por meio do simples contato de Sua palavra, o Mesmo não cobraria dos sujeitos os frutos, nem questionaria se os mesmos obedecem à vontade do Pai. De fato ratifica-se que a fonte verdadeira de todo proceder estaria nEle, no entanto, para a transformação do caráter do indivíduo, somente seria possível de se efetivar numa constante relação com Ele.

Em se tratando dos conteúdos para ações éticas cristãs, verificou-se que no livro de Filipenses capítulo 4, versículo 8 há algumas recomendações éticas e morais fundamentais para o ser humano, a saber:

finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento.

Em suma, a ética cristã está totalmente condicionada a ações dos sujeitos, de um movimento que começaria dentro deste, no sentido da construção e formação de valores morais-éticos. A Bíblia realça tal aspecto, à medida que expressa no seu corpo textual verbos no infinitivo que denotam ações para a realização de tais fins. Tanto no referencial teórico bíblico como na psicologia genética de Piaget, a formação de valores morais e éticos vai além da tomada de consciência do dever, pois esses valores fazem parte de um

processo em que o indivíduo se insere tanto em função como em medida de sua motivação interna. Esta será uma condição sine qua non para que o sujeito possa agir e efetivar ações éticas. Como já descrito, esta motivação se desvela enquanto “sentimentos”.

Destaca-se que a religião não é afetividade, e que as ações dos sujeitos em “si mesmas” não são condição para salvação da alma, no entanto, para o engajamento moral e ético, para o mover-se em ação, o sentimento do sujeito para os conteúdos éticos cristãos seria um requisito necessário porém, jamais suficiente, que impulsionaria o sujeito a efetivar ações éticas. Desta maneira, as leis éticas viriam de Deus e a opção de realizá-las (livre arbítrio) estaria no próprio indivíduo, por isso que devem ser considerados os sentimentos destes, pois antes do efetuar, vem o querer.

Considerações Finais

Apesar das filosofias tradicional, psicogenética e cristã apresentarem o mesmo objetivo quando da necessidade da Disciplina Ética, pois todas elas se propõem a buscar o “bom” e o “bem”, as definições, conceitos, conteúdo e formação ética no sujeito se evidenciam distintas. Por exemplo, nas escolas éticas humanistas a fonte ética estaria na subjetividade do ser humano, na filosofia de Kant seria dada a priori, e, para cristãos, a fonte de inspiração ética estaria em Deus. Destaca-se que as escolas éticas humanistas da filosofia tradicional, bem como das filosofias da época retratada na Bíblia, apresentam pensamentos filosóficos efêmeros e materialistas que giram em torno da natureza e exaltação do homem, caracterizam-se, portanto, distinta da filosofia ética cristã que evidenciam valores permanentes e espirituais.

A filosofia tradicional iluminista de Emanuel Kant, por sua vez, ao abordar a ética como um imperativo categórico, independente da ação humana, se opõe ao pensamento psicogenético e cristão, pois estes pontuam a necessidade da ação do sujeito, enfatizando primeiramente o “querer”, para, em seguida “efetuar” ações ética e morais. Ressalta-se que a ética retratada nas escolas humanistas da filosofia tradicional é dada a priori e, assim, concebida como sendo epistemologicamente inatistas. E as filosofias da época Bíblica, por considerarem que a ética seria formada no sujeito por meio dos cinco sentidos, considerados como o canal através do qual o conhecimento chegaria ao cérebro, seriam epistemologicamente empiristas.

No entanto, e em oposição aos paradigmas supracitados, têm-se o pensamento psicogenético e cristão que, em linhas gerais, consideram os sentimentos como fator fundamental para a realização de ações éticas. Assim, este conceito faria parte de um processo no qual o sujeito é parte integrante e ativa. E, neste sentido, o conhecimento seria concebido como construtivista.

As relações encontradas entre os paradigmas cristão e psicogenético não se esgotam neste estudo investigativo, necessitando, desta maneira, realizar pesquisas que

ampliem as considerações aqui evidenciadas. Haja vista este tema ser de natureza ampla, diversa e complexa. Ressalta-se que os dados qualitativos obtidos nesta investigação contribuem sobremaneira para a quebra do pré-conceito existente acerca da ética e moral cristã, pois tanto no conhecimento do senso comum como nos paradigmas seculares concebem estes constructos, no âmbito religioso, como um aspecto imposto ao sujeito por meio dos requisitos espirituais da fé.

Esta pesquisa subsidiou-se em dados teóricos para entender as definições referentes aos termos, ética e moral tanto na perspectiva da filosofia tradicional, como na psicogenética e religiosa (cristã), bem como entender teoricamente o processo de formação ética no sujeito. Deste modo, faz-se mister realizar futuras pesquisas de cunho prático e experimental das quais abordem sobre o juízo e ação ética e/ou moral dos sujeitos, bem como evidenciem o processo desenvolvimental dessa construção (formação) no indivíduo, estabelecendo parâmetros comparativos entre as teorias aqui estudadas.

[Recebido em: fevereiro de 2013

Aceito em: maio de 2013]